



PSICANÁLISE

François Lévy

A psicanálise com Wilfred R. Bion

Blucher

A PSICANÁLISE COM WILFRED R. BION

François Lévy

Tradução

Paulo Sérgio de Souza Jr.

Revisão técnica

Claudio Castelo Filho

A psicanálise com Wilfred R. Bion

Título original: *La psychanalyse avec Wilfred R. Bion*

François Lévy

© Éditions Campagne Première, Paris, 2014

© 2021 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Luana Negraes

Tradução Paulo Sérgio de Souza Jr.

Preparação de texto Sonia Augusto

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Revisão técnica Claudio Castelo Filho

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lévy, François

A psicanálise com Wilfred R. Bion / François

Lévy ; tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. ;

revisão técnica de Claudio Castelo Filho – São

Paulo : Blucher, 2020.

372 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1937-8 (impresso)

ISBN 978-85-212-1938-5 (eletrônico)

I. Psicanálise I. Título. II. Bion, Wilfred R.

20-0271

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:

I. Psicanálise

Conteúdo

Abertura: Dar-se ao trabalho de entrar	17
A galáxia psicanalítica	22
Relações despercebidas	25
Um Bion ou vários?	30
1. Mudanças de perspectiva	33
Um ganho para a psicanálise	37
Clínico, antes de qualquer coisa	42
Um pensamento rigoroso	46
As grandes questões	49
1) <i>O conhecimento</i>	55
2) <i>Um desvio pelos fatos</i>	56
3) <i>O pensamento, os pensamentos e o aparelho de pensar os pensamentos</i>	57

4) <i>Aprender com a experiência (Learning from Experience)</i>	58
5) <i>A prova negativa</i>	59
6) <i>Fidelidade, lealdade e filiações</i>	61
7) <i>O aparelho psíquico</i>	63
8) <i>O ultrapassamento da moral</i>	66
9) <i>O objeto parcial</i>	68
10) <i>O vínculo</i>	69
11) <i>O aparelho protomenta</i>	70
2. A vida inimiga e amiga	73
Súdito de Sua Majestade	75
A Grande Guerra	77
Um homem solteiro assolado por pesadelos	85
“E agora essa guerra”	90
No divã de Melanie Klein	94
Um novo lar	97
As duas Américas	100
3. A experiência emocional e a função alfa	103
Uma experiência que não compete aos sentidos	104
Incluir as experiências de aprendizagem	108
Fatores e função	109
A função alfa	113
Quando as transcrições não têm lugar	118

A função alfa na prática analítica	121
Destruição da função alfa	123
Retorno à contratransferência	131
Reversão da função alfa	133
4. O negativo em ação	139
A expansão do negativo na clínica anglo-saxã	145
Bion e o negativo	147
A destruição da capacidade analítica	151
Breve desvio pela Grade	159
A dimensão psicológica da mentira	162
5. Gênese e desenvolvimento do pensamento	167
Negativo e pensamento: recordando a concepção freudiana	168
Negativo e pensamento: a concepção bioniana	169
A preconcepção, conceito pivô	171
O papel da frustração	172
Elaborar ou fugir da frustração	174
Do pensamento ao conhecimento	177
A abstração como condição do crescimento	181
Uma hipótese chamada “Papai”	184
O que produz uma conjunção constante	185
Uma “preconcepção inata”?	187

Pensamentos sem pensador?	190
Pensamentos anteriores (e não interiores)	192
O aparelho desenvolvido para tratar os pensamentos	194
Uma grade para o pensamento	196
As colunas verticais	200
Quando o pensamento é confrontado aos seus limites	207
6. A recusa da causalidade	209
Hume e a questão da causalidade	211
As condições da frustração	215
A abolição da lógica distintiva	219
Crescimento <i>versus</i> causalidade	221
O ultrapassamento da moralidade	224
Generalização e particularização	227
O Édipo da psicanálise	229
Uma antecipação inventiva chamada “intuição”	232
Crescimento positivo e crescimento negativo	235
De EP → D (Melanie Klein) a EP ↔ D (Bion)	237
Reflexões sobre a temporalidade analítica	240
Passado-presente-futuro	242
7. Transformações, ou o real na análise	245
Diferentes tipos de transformação	252

Efeitos das turbulências sobre os enunciados	260
Logics or not logics	263
Da trans-formação à de-formação	264
As condições narcísicas da significação	266
A alucinose	268
“Sem memória, sem desejo e sem compreensão”	271
Tirésias	275
8. O grupo e a psicanálise, sobrevivência ou destruição?	279
O interesse do cemitério de Ur	282
Uma abordagem psicanalítica dos fenômenos de grupo	285
O indivíduo perante o grupo	287
A experiência da Clínica Tavistock	291
Oscilações e inversões de perspectiva	293
Os “pressupostos de base”	299
A herança freudiana	308
O sistema protomental e a doença psicossomática	310
O grupo de trabalho	312
Uma questão de dinâmica	315
O líder, o grupo e a psicanálise	316
Conclusão: “A resposta é o revés da pergunta”	325

Bibliografía	333
Índice onomástico	355
Índice remissivo	359

Abertura

Dar-se ao trabalho de entrar

Na terminologia de Wilfred R. Bion, este livro é “uma realização de K”. Por muito tempo não compreendi o que essa expressão significava; não era, no entanto, aquilo que Bion teria chamado de “vínculo -K” (menos K). Muito antes de me lançar num estudo aprofundado de sua obra, eu havia sido — minimamente — apresentado a esse vocabulário particular por um trabalho de supervisão que fui levado a fazer com um analista familiarizado com esse modo de pensamento; trabalho que me levou, no plano “emocional”, a reconsiderar muitos pressupostos que eu vinha empregando em minha prática relativamente recente. Dessa “transformação”, Bion teria dito que abandonei uma quantidade de “preconcepções” que, até então, estavam “saturando” o meu pensamento; e que tomei “conhecimento” de um mecanismo de grande valor, que ele denominava “reversão da perspectiva”. Eu já havia dimensionado os efeitos disso em minha atividade de psicanalista, com os meus pacientes de então. Assim, dispunha — tal qual meus analisandos — de “realizações” que permitem descobrir formações inconscientes, talvez causadas por uma “intolerância à frustração”, às quais

Bion teria dado, creio eu, o nome de “objetos bizarros”. Eu os representava, contudo, com a forma de “elementos insaturados” que me colocavam em contato com zonas que não conseguíamos alcançar anteriormente. Podíamos seguir caminhos dos quais se esperava que nos permitissem explorar mais a fundo as “turbulências” do pensamento; caminhos que nos levavam a descobrir de que maneira, em tal paciente, uma “clivagem forçada” havia levado à perda de todo contato com a realidade — algo para o qual Bion havia proposto construir uma “grade negativa”.

Assim, suspeitando que, para além dessa primeira fórmula — uma “realização de K” —, seria possível encontrar um impressionante abismo de pensamento, retomei o livro que eu havia começado; prossegui no esforço de leitura empreendido e continuei, assim, sem ficar procurando levar em conta a minha “compreensão”.

Primeira constatação: o livro que eu tinha em mãos havia sido escrito rigorosamente; as frases eram sólidas; os termos, escolhidos a dedo; e a escrita clássica correspondia ao que me dá gosto encontrar num autor.

No nível psicanalítico, encontrava ali uma boa quantidade de conceitos com os quais acabei ficando familiarizado. Outros, em contrapartida, deixaram-me perplexo; isso porque eu estava menos acostumado a utilizá-los e porque, é preciso dizer, faziam parte de uma conceituação da qual — na França, pelo menos — muitos haviam se desviado. Aliás, para além dessa teorização, eu estava conhecendo melhor uma prática bastante descreditada na época, prática que consistia — segundo alguns textos do início, em todo caso — numa alternância de proposições relativamente concisas, compartilhadas de modo bastante equivalente entre paciente e analista, do gênero “associação-interpretação-associação” — ou mesmo “interpretação-associação-interpretação” —, não deixando espaço para o pensamento silencioso, por exemplo,

nem para uma abertura que tivesse permitido escapar desse tipo de “argumento circular”.

Mas certas passagens chamavam a minha atenção; passagens que Bion, em suas próprias experiências, havia precisado como “notações”, às quais ele atribuía grande valor. Essas formulações acertavam na mosca. Quando se apresentavam no decorrer da minha leitura, carregavam consigo — indo até um ponto preciso dentro de mim — a evidência do sentido que se impõe por sua justeza, e isso a despeito da minha surpresa diante desse estilo de prática. Elas me incitavam a escavar mais a fundo as linhas, as páginas, os capítulos...

Tropeçava regularmente em “enunciados” demasiado obscuros que faziam surgir ora uma profunda angústia, ora a intuição de uma perspicácia luminosa. Bion se interessou muito, na esteira de Henri Poincaré — o matemático francês —, pela participação do fenômeno da “intuição” no processo da compreensão.

Falei, então, a um colega amigo a respeito do meu interesse, da minha curiosidade, e também da minha perplexidade. Decidimos seguir a dois com essa leitura; e, como frequentemente ocorre em casos como esse, logo éramos cinco. Constituímos, então, com muita seriedade e assiduidade, um “grupo de trabalho”; grupo que nós nos esforçamos por fazer funcionar como um “grupo sem líder”, e foi só vários anos depois que nos demos conta de que esse gênero de formação é definido, pelo próprio Bion, como sendo da ordem de um rigor interno atingido à custa do afastamento de “hipóteses de base” que, em geral, manifestam-se com vistas a destruir toda tentativa de eficácia. Mas nós perseveramos, ultrapassamos muitos obstáculos — alguns dos quais, com frequência, nos obrigaram a retornar ao texto inglês de origem para descobrir evidências pelas quais o tradutor havia passado batido, complicando inutilmente a passagem de uma língua para a outra.

Trabalhamos assim durante três anos antes de dar forma ao projeto coletivo de propor, para a Sociedade de Psicanálise Freudiana, em Paris, um “Seminário de iniciação ao pensamento de Wilfred R. Bion” — seminário que fomentamos em equipe, a cada reunião, como um grupo de trabalho ampliado do qual alguns participavam mais ativamente do que outros.

Progressivamente os papéis foram sendo especificados, e meu colega e eu passamos a conduzir o trabalho em dupla, um por vez — Bion talvez falasse em “visão binocular”. Talvez até dissesse que o seminário era, dali em diante, alicerçado em uma “hipótese de base” de “pareamento” — distinta das de “dependência” ou de “ataque-fuga” —, configuração no seio da qual o grupo espera dos dois líderes a parturição de ideias reveladoras de importância comparável a uma figura que traz “ideias messiânicas”. Foi o que assumimos.

Infelizmente, após anos de colaboração frutífera — mas também de luta impiedosa —, meu colega e amigo Claude Sevestre sucumbiu aos ataques de uma doença feroz, deixando todos nós aflitos e desamparados. A título pessoal, tive a sensação de perder o equilíbrio que havíamos estabelecido a dois; equilíbrio que eu não imaginava um dia conseguir restabelecer — o que é ainda o caso. Eu receava *dever* administrar um acontecimento que já havia ocorrido, e que Bion qualificaria como “mudança catastrófica”. Ele acrescentaria que experiências vividas no contrassenso revelam significações subjacentes. Tive, em todo caso, de *me* reorganizar a fim de encontrar aquilo que, simultaneamente, me permitiria continuar o trabalho começado a dois e administraria, dali em diante, a minha solidão constantemente dolorosa. Bion certamente diria que passei a considerar a situação de outro “vértice”. Talvez...

O seminário funciona, ainda hoje, da mesma forma. Os participantes, amplamente mais numerosos que no princípio, implicam-se

ativamente sem sentirem — até onde consigo perceber — receio de serem julgados a respeito do que dizem, e sou grato por isso. Suportamos todos uma certa dose daquilo que Bion, inspirando-se em John Keats, chama de “capacidade negativa” (*a negative capability*), expressão que designa a capacidade de permanecer numa situação de dúvida ou de espera, sem se precipitar para responder de forma prematura. Ademais, através de suas intervenções, eles me ajudam a me dar conta da orientação para a qual dirijo meus dizeres — um “fato selecionado”, como diria Bion, inspirando-se, mais uma vez, em Poincaré — e esforçam-se, com muita bondade, em me dar a conhecer o momento a partir do qual não estão mais em condições de me acompanhar. São, assim, de grande serventia para mim, pois dessa forma, entre eles e eu, trocam-se — sem que saibamos — elementos que nos aclaram sobre a forma como opera a “função alfa” — tão essencial, aos olhos de Bion, para a própria constituição dos pensamentos e para o desenvolvimento do “vínculo K” que nos une. Temos a segurança de compartilhar uma experiência que nos enriquece em diversas frentes; e, pela regularidade e pela assiduidade que nós investimos todos juntos, contribuímos para a sensação de “crescimento” psíquico que cada uma e cada um experimenta à medida que avançamos no estudo dessa obra de pensamento. Sem “arrogância” — termo que Bion emprega, de um lado, a propósito de Édipo; e, de outro, como advertência a psicanalistas tentados a se comportar como saqueadores em relação aos “conteúdos” inconscientes de seus analisandos —, forjamos, talvez a título individual, uma espécie de “sistema científico dedutivo” que depende da compreensão que cada participante retira de meus dizeres, uma vez que, na cabeça de cada um, as palavras que utilizo puderam ser desembaraçadas de sua inevitável “penumbra de associações”, como diria Bion.

O presente trabalho estende-se, então, por um período de mais de 15 anos. Os componentes atuais do ambiente psicanalítico

pareceram-me favoráveis para tentar reunir os elementos que isolei, progressivamente, no decorrer desse trajeto; elementos estabelecidos graças ao emprego de “conjunções constantes” que os fixam, como diria Bion, esperando conferir a eles uma “significação”. A meu ver, este livro já vai se justificar se representar um “continente” do qual se intua que ele visa a expor o “contido”¹ do qual é constituído.

Os termos anteriormente colocados entre aspas são, em grande parte, os que emanam do léxico de Bion. E eu já sinto uma forma de “realização” com o fato de que me foi dado encontrá-los.

A galáxia psicanalítica

Considero a psicanálise uma disciplina com uma visada científica que se distingue das outras pelo fato de que a maior parte de suas hipóteses se apoia na teoria oriunda da experiência clínica — teoria segundo a qual um universo separa um pensamento inconsciente de um pensamento consciente. Simples na aparência, essa diferença necessita de uma compreensão detalhada dos elementos que a constituem.

A teoria evocada é o fruto do trabalho ao qual Freud dedicou toda a vida, marcada por desencorajamentos, desacertos, esperanças e sucessos. E essa pesquisa se fez, no mais das vezes, na mais completa solidão — às vezes com a ajuda e o amparo de colegas e

1 O termo *contained*, em inglês, vem sendo habitualmente – e, a nosso ver, equivocadamente – traduzido para o português como “conteúdo”. No entanto, é importante frisar que Bion diferencia esse termo do substantivo *content* (conteúdo). Utilizamos nesta tradução, portanto, o par “continente ↔ contido”, que acreditamos ser o mais fiel ao *container ↔ contained* de Bion [nota de revisão técnica].

discípulos fiéis, mas igualmente rebeldes; continuadores, mas também *voyeurs* e desviadores.

Essa elaboração sempre se deu de tal maneira que o seu autor manteve uma conexão estreita com o trabalho e a experiência clínicos, de modo que todo avanço nesse domínio não podia ocorrer sem a contribuição ativa dos pacientes. Paralelamente, os elementos reunidos pela observação só ganham sentido se forem ordenados segundo uma lógica escolhida. Um autêntico e profundo trabalho de pensamento foi necessário ao seu autor para produzir um *corpus* geralmente considerado pelos psicanalistas e alguns outros, desde Freud, como uma das três revoluções narcísicas no pensamento humano.

Freud foi um imenso descobridor; fácil de criticar, como todos os grandes exploradores, quanto aos aspectos que ele não soube (ou pôde) explicar e quanto àqueles a respeito dos quais — hoje em dia mais evidentemente, graças a certos aprofundamentos trazidos por outros — seguiu o caminho errado.

Esses aspectos imperfeitos de sua personalidade e de sua pesquisa permitiram que outros pesquisadores, fascinados pelo continente desconhecido que ele havia abordado, tomassem para si a maior parte das suas elaborações e trilhassem o seu próprio caminho nos espaços inexplorados pelo pioneiro. Eles contribuíram igualmente para estabelecer o *corpus* teórico original de forma suficientemente sólida e transmissível para que os discípulos pudessem, de uma forma elaborada, achar por onde interrogar as situações clínicas encontradas, ainda que o próprio Freud tenha alertado seus leitores contra a tentação de passagem da teoria ao dogma. Ele advertiu que era todo o arcabouço teórico que devia poder ser recolocado em questão a cada novo paciente.

Porta-se de maneira necessariamente redutora quando se citam apenas as grandes figuras que contribuíram para a constituição

do arsenal teórico da psicanálise. Cita-se, em primeiro lugar, com prazer e pesar, Sándor Ferenczi, “paladino e grão-vizir secreto”, que colocou toda a sua sutileza de pensamento a serviço da pesquisa psicanalítica, o que faz pensar que hoje não se possa ler Freud sem ler Ferenczi em paralelo — isso a ponto de se falar, erroneamente, de uma “teoria ferencziana” que teria implicações clínicas intrinsecamente diferentes daquelas que são oriundas da “teoria freudiana”. Não! A psicanálise é uma só, múltiplos são os psicanalistas — embora sejam, também, singulares. Seria preciso dizer o mesmo de Anna Freud, de Karl Abraham e de numerosos outros contemporâneos do nascimento da psicanálise.

Na mesma ordem de ideias, uma menção toda especial deve ser reservada a Melanie Klein — clínica apaixonada que se tornou chefe de escola após sua instalação em Londres —, que, na teoria de Freud, desmascarou um punhado de incoerências que criavam contradições com os fatos observados e que “moldou” uma clínica que permite analisar crianças mais reais (*actual*, em inglês) do que aquelas que resultam de análises de adultos esforçando-se por definir o que é a criança para a psicanálise. A “teoria kleiniana” se interessa igualmente, por conta da forma como ela enxerga os processos precoces, pelos “distúrbios” psicopatológicos que se manifestam em várias doenças mentais — estados-limite (*borderlines*), esquizofrenia, paranoia, melancolia — e abre uma via de acesso privilegiado para a compreensão das psicoses. A “teoria kleiniana” encontrou um público muito particularmente atento a suas abordagens clínicas no Novo Mundo, nas duas Américas, onde discípulos de grande importância contribuíram para a consolidação de seu pensamento.

De maneira diferente, a França conheceu uma importante renovação do seu pensamento psicanalítico graças à personalidade e à obra de Jacques Lacan, que se tornou uma das figuras clássicas do

pensamento na Europa e que causou uma reviravolta em muitos dos confortos de pensamento e de prática. Ao refundar a disciplina numa abordagem ao mesmo tempo linguística e semântica do inconsciente, e ao colocar essa abordagem em relação direta com a clínica das neuroses e das psicoses, Lacan enriqueceu o discurso psicanalítico com um aporte estruturalista. Essa renovação enxameou todos os continentes — mesmo os mais “estrangeiros” à psicanálise, nas culturas em que não existe a noção de “indivíduo”.

Muitos outros psicanalistas deveriam ver seus nomes figurando nessa rápida evocação destinada a montar a lista de todos os que serviram de pilares, de primeira dimensão ou de importância secundária, para consolidar o edifício da psicanálise. Heinz Kohut, Didier Anzieu, Donald W. Winnicott, Herbert Rosenfeld, Hanna Segal, Ignacio Matte Bianco, André Green, Wilfred R. Bion, Thomas Ogden: cada um deles, a seu nível, contribuiu para reforçar a base de uma disciplina permanentemente ameaçada por causa da concepção do psiquismo humano que ela forjou a partir da experiência clínica, concepção escandalosa por lembrar que “o eu não é o senhor em sua própria morada”.

Relações despercebidas

Wilfred R. Bion *não construiu mais uma teoria*, ele estudou as teorias freudiana e kleiniana — as quais considerou, em grande parte, totalmente apropriadas às suas funções de teoria. Todavia, modificou-as um pouco cada vez que lhe pareceu que elas se afastavam da realidade que estavam encarregadas de dar conta, o que necessitou, da parte de seu autor, um perfeito conhecimento de seu domínio de estudo e uma profunda capacidade de reflexão a propósito de elaborações cuja compreensão está longe de ser clara. Sua teoria, escreve ele, “não substitui nenhuma teoria psicanalítica

existente, mas propõe-se a expor relações que não foram apontadas”.² “Os analistas”, escreveu ele, “encontrando-se num impasse, frequentemente preferem produzir uma nova teoria *ad hoc*, mais do que se forçar a utilizar corretamente teorias já existentes”.³ A isso, acrescenta que “o perigo consiste em se ver de pés e mãos atados por um sistema teórico que se mostra frustrante não porque é inapropriado, mas porque está sendo incorretamente utilizado”.⁴

Pegando o contrapé dessa posição, Bion se portou de forma muito respeitosa e mostrou bastante diligência em relação aos *corpora* construídos com paciência e afincos por Sigmund Freud e por Melanie Klein — figuras que foram talvez os seus “papai” e “mãe” psicanalíticos (!) e relativamente aos quais a sua atitude crítica levou-o a manter distância suficiente para lhe permitir criar algo de novo que reúna e comporte ambos; que os ultrapasse, mas que não existiria sem eles. Ademais, o pensador que ele era tinha por onde se nutrir na fonte livresca de que podia beber permanentemente, feito um rato de biblioteca — o catálogo das obras produzidas nesse campo não carecia de espessura —; tanto quanto, no domínio relacional, podia frequentemente lhe acontecer de se sentir desconfortável. Contudo, a fim de conservar um caráter vivo e animado nas trocas que alguns de seus pacientes poderiam facilmente deixar sem graça, lembrou que “é justamente o paciente, enquanto homem ou mulher real, que constitui o objeto da [minha] investigação, e não os supostos mecanismos de um boneco (*dummy*)”. Mas, felizmente, no exercício de sua prática, as precauções e restrições de toda sorte eram suficientemente numerosas, de modo a ele

2 Wilfred R. Bion (1970), *Attention and Interpretation*. London: Tavistock Publications. Em francês: *L'Attention et l'interprétation*. Paris: Payot, 1974, p. 151.

3 Wilfred R. Bion (1962), *Learning from experience*. New York: Basic Books Publishing Company. Em francês: *Aux sources de l'expérience*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979, p. 108; tradução minha.

4 *Idem*; tradução minha.

ter tido de codificar as diferentes trocas — com os pacientes, com os colegas etc. E, não obstante, segundo os seus próprios dizeres, ele “abordou uma vida mental até então inexplorada pelas teorias elaboradas em função da neurose”.⁵

Muito implicado no exercício da clínica, ele, no entanto — até onde temos conhecimento —, redigiu poucos relatos de tratamentos, tendo considerado bastante rapidamente que os escritos clínicos são incapazes de restituir o teor emocional — e não somente intelectual — das trocas em condições próximas da realidade.

Não se privou, entretanto, de salpicar os seus escritos com “momentos” clínicos que expõem uma situação particularmente reveladora, não de um estado de espírito, mas de um *estado do espírito* do paciente numa determinada sessão. Partindo disso, todas as conjecturas, tanto imaginativas quanto racionais, permanecem abertas, apropriadas ou não — a questão não é essa. Para Bion, importa, primeiro, que todas as entradas permaneçam possíveis, correndo o risco de rejeitar o maior número delas em função dos pensamentos que vêm se coligir em situações como essa.

Que esses relatos clínicos tenham sido rapidamente abandonados em prol de uma reflexão intelectual de caráter científico é um dado que é da alçada da constituição psíquica do autor. Ao mesmo tempo, esse fato ilustra o esmero de transformação preconizado por Bion como sendo representativo do trabalho analítico, pois, por trás dos desenvolvimentos longos — e, por vezes, laboriosos — a serem seguidos sobre uma questão, não é difícil descobrir não somente a situação clínica original que deu à luz a transformação, mas também as invariantes que permaneceram idênticas entre a cena tal como o analista e o paciente a compartilharam e a elaboração intelectual que o autor nos dá a ler.

5 *Ibid.*, p. 55.

É com uma insistência renovada, então, que encontramos a oportunidade de lembrar que o essencial do trabalho analítico reside naquilo que se passa quando o paciente e o analista estão na presença um do outro. “Na presença um do outro” não quer dizer que eles tenham de concordar sobre os dizeres que eles trocam, nem sobre as opiniões e os juízos que possam emitir, tanto um como outro, a respeito de uma mesma situação, nem das escolhas às quais seu debate deve conduzir. Noutras ocasiões, fui levado a discorrer sobre os riscos que uma concordância faz com que cada um dos protagonistas corra, na medida em que essa concordância pode, por natureza, inibir totalmente um modo de pensamento outro.⁶ Como escreve Bion,

a concordância entre o paciente e o analista consiste no fato de que a concordância é evidente e predominante, mas a discordância — que pode ser igualmente predominante — não é nada evidente. O conflito entre o ponto de vista do paciente e o do analista, e no interior mesmo do paciente, não é, portanto, como na neurose, um conflito entre dois conjuntos de ideias ou entre dois conjuntos de pulsões, mas um conflito entre K e menos K (-K) ou, de maneira mais imagetizada, entre Édipo e Tírésias, e não mais entre Édipo e Laio.⁷

Da discordância ao conflito, é indispensável lembrar que uma psicanálise se desenrola sessão após sessão, com suas porções de

6 François Lévy (2014), “Bion: un nouveau regard sur Œdipe”, *Le Coq-Héron*, n. 216. Ramonville-Saint-Agne: Èrès.

7 Wilfred R. Bion (1963), *Elements of Psycho-Analysis*. London: William Heinemann, 1963. Em francês: *Éléments de psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979, p. 53.

palavras, silêncios, pensamentos, associações, sonhos e interpretações; e que ela deve ser a oportunidade, para o analista e para o analisando, de opor dois conjuntos distintos não necessariamente conciliáveis, ou até às vezes “incompatíveis” — no sentido em que não são patíveis. Uma análise não tem como meta conseguir do paciente uma concordância, uma adesão, as quais só teriam como função obter uma submissão aos pontos de vista do analista considerado como aquele que sabe.⁸ Bion é um adepto da ideia segundo a qual uma psicanálise se define como uma longa série de elementos conflitantes que devem passar pelo crivo da análise, sequências às quais analista e paciente podem — tanto um quanto outro — sobreviver e nas quais podem — tanto um quanto outro — se desenvolver sem terem tido, necessariamente, de celebrar sua concordância.

Pode-se, além disso, considerar as coisas a partir de outro “vértice”: se for possível interpretar, é questão de clínica. A título de exemplo, fui tranquilizado ao ler, entre os *Seminários clínicos* publicados em francês em 2008, o caso de um paciente que tinha de ser operado — precisavam tirar alguma coisa dele — e que se recusava a analisar um sonho com seu analista. Diante da perplexidade do analista, a intervenção de Bion, enquanto supervisor, havia consistido em fazer com que ele compreendesse que, ao considerar sem importância os seus pensamentos em imagem, o paciente revelava, na verdade, o seu medo de que o analista tirasse algo dele e se servisse disso para ele próprio.⁹

8 O “sujeito suposto saber” lacaniano.

9 François Lévy (2008), “Bion superviseur” [prefácio]. In: Wilfred R. Bion, *Séminaires cliniques*. Paris: Ithaque, p. IX.

Um Bion ou vários?

São muitos os comentadores que não hesitaram em compartimentar sua obra em diferentes “períodos” — grupal, psicótico, epistemológico, místico —, conforme as preocupações principais que parecem constituir a trama que subjaz a algumas obras, ainda que se possa, de igual maneira, proceder a outros recortes tributários de outros critérios igualmente evidentes e eficientes nos temas de pesquisas. Assim, em função do “vértice” segundo o qual Bion evoluiu de período em período, é totalmente plausível considerar que a sua participação nas batalhas mortíferas da Primeira Guerra Mundial e a sua total imersão nos serviços do Exército Britânico durante a Segunda Guerra, somadas às experiências com pessoas dessocializadas na Clínica Tavistock de Londres, representam, com efeito, um período “grupal” que, para o autor, teve uma enorme importância e que desembocou, sem solução de continuidade, no período seguinte.

O período seguinte — no decorrer do qual, mais uma vez, Bion mergulhou (dessa vez na exploração e na tentativa de compreensão do modo de funcionamento do pensamento psicótico) — foi qualificado, com razão, de período “psicótico”. Suas contribuições para o conhecimento de processos de pensamento dessa ordem são reconhecidas, dali em diante, como incontornáveis e essenciais. Três obras importantes reúnem as elaborações concernentes a esse domínio de investigação e abundam, ao mesmo tempo, em indicações clínicas que dizem respeito à maneira de exercer a psicanálise com esse tipo de paciente. Mas, do período precedente, esse conserva a ideia segundo a qual o dispositivo analítico tradicional, representado por um psicanalista e um paciente que se encontram com dia e hora marcados num consultório, não passa de uma variante da prática grupal. Com efeito, cada uma das duas pessoas na presença uma da outra contém uma pluralidade de pessoas que,

enquanto objetos internos, interagem no desenrolar da sessão e necessitam ser levadas em conta para a compreensão das tensões e dos conflitos ativos.

O período qualificado como “epistemológico” levou Bion a consolidar, por meio de elaborações “de alto calibre”, as intuições e as constatações extraídas das situações clínicas do período anterior, colocando à nossa disposição uma conceituação que ultrapassa as fronteiras existentes, dentro das quais a prática psicanalítica se sentia, às vezes, apertada. Tem-se a sensação de que, ao fazer isso, Bion transpôs toda enfeudação para desenvolver a sua própria maneira de formular aquilo que constitui o essencial do trabalho.

O último período, chamado de “período místico” — porque Bion se interessa por tudo o que ele encontra de misterioso (do grego, *mystikos*) no campo do pensamento —, oferece a ele a oportunidade de voltar aos seus primeiros temas de pesquisa (as tensões que regem as relações no interior do grupo e entre o grupo e o indivíduo), fechando, assim, a partir de um determinado vértice, um enganchamento que, considerado de outro vértice, aparece como o trajeto que leva, numa espiral, de um ponto de partida ao ponto de conclusão definido por coordenadas comparáveis.¹⁰

Alguns se opõem a ligar todas as partes da obra de Bion umas às outras. Para eles, há o Bion experimentador, observador, pesquisador que, de discípulo modesto, ganha o primeiro plano sem que suas ideias sejam necessariamente bem recebidas e compreendidas. E, então, consideram com perplexidade que a sua trajetória “estole”; e que seria melhor, hoje, fazer vista grossa para o fato de que ele próprio se perca em divagações místico-religiosas, a fim de preservar a parte “sadia” do pensador.

10 Em *Entrevistas psicanalíticas (Entretiens psychanalytiques)*. Paris: Gallimard, 1980, p. 102), Bion lembra que, etimologicamente, o mistério é a “capacidade de respeitar o desconhecido”.

Parece-me, ao contrário, que Bion não cessou de experimentar *sua* relação com o mundo e que aquilo que parece muito distante das preocupações de um psicanalista (a realidade derradeira, a Deidade, a trindade puxada para a trinitude [*threeness*], a verdade derradeira) é, de fato, totalmente próximo — simultaneamente próximo e distante como o é o analista ao escutar seu paciente reclinado sobre o divã.

Deixo ao leitor o cuidado de, ele próprio, formar para si uma opinião. Só espero ter sido suficientemente capaz de compartilhar as transformações que o estudo da obra de Bion me fez realizar.



Wilfred R. Bion (1897-1979) foi um psicanalista inglês que fez evoluir o modo de praticar e pensar a experiência analítica. Para ele, cada cura deveria favorecer um processo de crescimento psíquico no paciente e também no analista. Ele renovou profundamente a abordagem da dinâmica de grupos, a clínica das psicoses, o conceito da gênese do psiquismo e apoiou seu trabalho em noções originais que se tornaram famosas: processos de ligação, transformações, função alfa, devaneio materno, todos elementos que François Lévy expõe claramente sem alterar sua natureza. Assim, ele nos oferece instrumentos para repensar a prática psicanalítica.

Este livro, que descreve tanto os aspectos clássicos quanto os elementos menos conhecidos das proposições inovadoras de Bion, é uma excelente apresentação da obra desse grande clínico e teórico da psicanálise.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1937-8

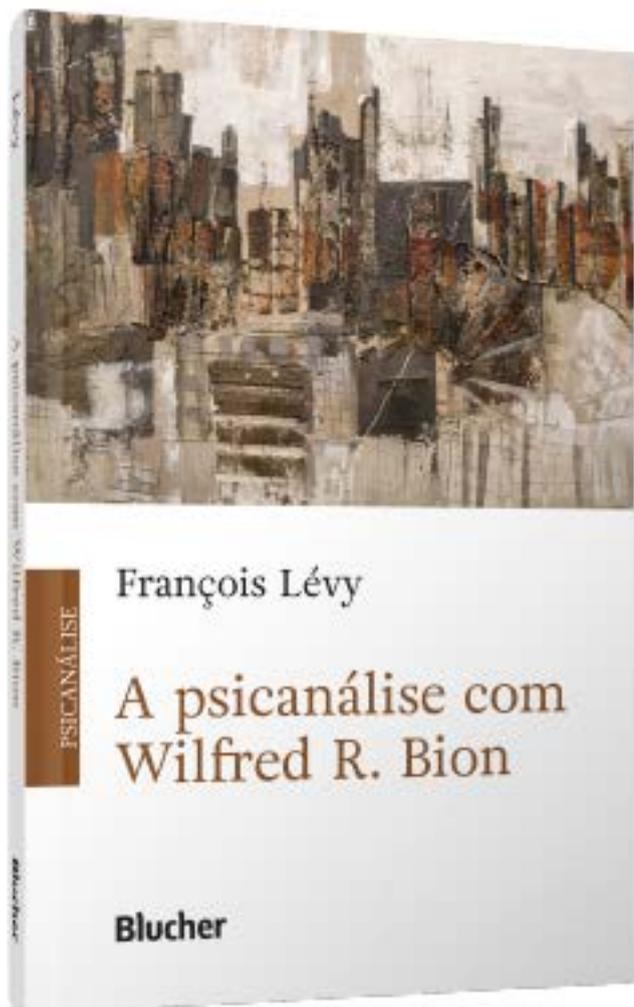


9 788521 219378



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

A Psicanálise com Wilfred R. Bion

François Lévy

ISBN: 9788521219378

Páginas: 372

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021

Peso: 0.410 kg
